



## **A festa não pode acabar: Uma reflexão sobre o culto ao prazer para a Psicanálise**

*Jennifer da Silva Gramiani Celeste<sup>1</sup>; Luidy Xavier Nogueira<sup>2</sup>*

**Resumo:** Ao abordar o tema Hedonismo neste artigo, remetemos a um elemento presente na realidade humana que seria o prazer. Historicamente, podemos observar que esta temática é problematizada desde a Antiguidade, vinculada à esfera humana em seus aspectos éticos, morais e também sobre o desejo que se manifesta por essa via. Nesta perspectiva, buscamos compreender, em um primeiro momento, a definição filosófica do termo Hedonismo pelo trabalho dos filósofos Aristipo de Cirene e Epicuro, os quais apresentam diferentes pontos de vista em relação ao objeto e sua relevância na vida humana, para em seguida observar o fenômeno na atualidade, e em um segundo momento, através da Teoria Psicanalítica, articular discussões acerca do desejo pela via do inconsciente para melhor entendimento da relação entre o prazer e a realidade psíquica na Modernidade.

**Palavras-chave:** Inconsciente, Hedonismo, Psicanálise, Prazer.

## **The party must never end: A reflection on the cult of pleasure for Psychoanalysis**

**Abstract:** When addressing the topic of Hedonism in this article, we refer to an element present in human reality, which would be pleasure. Historically, we can observe that this theme has been problematized since Antiquity, linked to the human sphere in its ethical and moral aspects and also to the desire that manifests itself through this path. From this perspective, we seek to understand, first, the philosophical definition of the term Hedonism through the work of the philosophers Aristippus of Cyrene and Epicurus, who present different points of view in relation to the object and its relevance in human life, to then observe the phenomenon in the present day, and secondly, through Psychoanalytic Theory, to articulate discussions about desire through the unconscious to better understand the relationship between pleasure and psychic reality in Modernity.

**Keywords:** Unconscious, Hedonism, Psychoanalysis, Pleasure.

<sup>1</sup> Doutora em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (2023). Bacharel e Licenciada em Psicologia pelo UniAcademia (2016). Autora correspondente: djceleste@gmail.com;

<sup>2</sup> Mestrando em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Especialista em Psicopedagogia (Clínica e Institucional) pela Faculdade Metodista Granbery (2019). Bacharel e Licenciado em Psicologia pelo UniAcademia (2016).

## Introdução

A busca do homem por prazer seria uma variável constante na realidade humana. Podemos observar o mesmo em sua procura por construir e consumir a arte, viagens, *shows*, bons vinhos e alimentos, dentre várias outras atividades que o viabiliza ter experiências das quais possa desfrutar o prazer ofertado por cada uma delas. Na atualidade, Fortes (2009) comenta que o homem em suas formas de subjetivação nega o sofrimento e vive uma busca constante por felicidade, fato que este para a autora que faz denúncia acerca da subjetividade humana que passa a lidar com a dor como se fosse algo cabível de ser evitado. Entretanto, podemos perceber que para além da forma contemporânea do ser humano lidar com o sofrimento e o prazer, essa discussão se faz presente desde a Antiguidade. Por isso, falar sobre essas duas vertentes seria naturalmente abordar sobre algo que se refere à realidade humana.

Segundo Abbagnano (1962, p. 471-472), Hedonismo seria o “[...] termo com o qual se indica tanto a procura indiscriminada do prazer, quanto à doutrina filosófica que considera o prazer como o único bem possível e, portanto, como o fundamento de vida moral”. Neves (2021) diz que o Hedonismo foi uma filosofia originária da Grécia antiga, focada na sociedade e em seu grupo, que busca em primeiro momento o prazer de forma indiscriminada.

A temática por abordar o imo humano e sua relação com o campo social, foi pauta filosófica, sendo Aristipo de Cirene, um dos grandes colaboradores para tal ciência que nos oferta reflexões como ponto de partida. Reale (2013, p. 178-179) informa que o mesmo nasceu no século V antes de Cristo, de origem não grega, discípulo de Sócrates, mas ao contrário do seu mestre que considerava o prazer algo mal, pois o bem era somente a virtude e a ciência, “[...] por ter nascido em uma família rica, tinha a convicção que o bem-estar físico era o bem supremo e acreditava que o prazer era a força motriz que movia a vida”. O mesmo ainda escreve que para Aristipo de Cirene, o prazer seria o bem indiferentemente de sua origem, ao contrário do seu mestre, que acreditava que somente conduzido pelo conhecimento o prazer seria uma forma de bem. O filósofo hedonista não foi influenciado pelos ensinamentos referentes à ética e a alma propostos por Sócrates, sendo para ele o acesso à virtude em seu ponto de vista – ter o prazer sem se perder nele.

Para a filosofia Cirenaica, acredita-se que seria válido buscar o que existia de mal e de bem nas coisas, já que a natureza seria caracterizada como incompreensível, e sendo cabível de abrir mão da física e da dialética, já que ambas não seriam compatíveis com o bem e o mal, o

que levantaria a necessidade de discussões éticas acerca da felicidade, tal linha filosófica teria como critério de verdade a lógica, “[...] para os cirenaicos, só são cognoscíveis as nossas afecções sensoriais, os nossos estados subjetivos, mas nunca os objetos que os provocam”, pois o objeto não seria revelado pela sensação, sendo a percepção subjetiva incomunicável de pessoa para pessoa, estando esse o fenômeno na base para o seu Hedonismo (Reale, 2013, p. 183). Em concordância, Neves (2021) escreve que para a escola Cirenaica, o relevante seria a busca pelo prazer a todo instante, já que ele seria instável, momentâneo e fugaz, ocorrendo o aumento da virtude na medida em que crescesse a quantidade de prazeres obtidos, sendo dispensável o auxílio da filosofia.

Reale (2013) clarifica que para Aristipo, o prazer vivenciado de forma física, momentânea ou experimentado seria válido, consistindo o prazer como um fim agradável se culminasse em um prazer verdadeiro ou mal se proporcionasse a dor, sendo a única forma de fugir da dor a via do prazer. Em concordância, Moraes (1998) ressalta que o grande hedonista sustentava que o prazer é algo ativo, que o bem supremo seria o somatório de todos os prazeres cabíveis de desfrutar, que a felicidade seria a aniquilação do que gerasse a dor e sofrimento.

O prazer nesta prerrogativa, por ser um bem, não teria distinção em relação a sua origem, mas seria corporal, sendo os prazeres decorrentes da alma subordinados ao corpo, mas o homem poderia ser vítima do excesso do prazer e das paixões, já que a exaltação do prazer pode culminar em perda sobre a psique, fazendo os valores desaparecerem juntamente com a possibilidade de encontrar qualquer apoio ulterior (Reale, 2013).

Tal corrente filosófica ressalta a relação entre o prazer e a dor pelas vivências experimentadas pelo corpo, mas Epicuro, o filósofo de Samos, viabiliza observar o fenômeno por outro ângulo. Para Moraes (1998), em sua filosofia, Epicuro buscava a felicidade pela via da lucidez, da inteligência e da serenidade da alma, tendo como máxima em sua obra hedonista a ideia de que ao invés de ser guiado pelos prazeres mundanos e imediatos, o homem deveria ser orientado pelo caráter e pela inteligência. Neves (2021) comenta que para Epicuro, o prazer seria experimentado pela alma e pelo corpo, sendo o ponto de partida das sensações e dos prazeres o pensamento e o ápice do prazer o bem-estar. O mesmo ainda destaca que a diferença entre o pensamento de Aristipo de Cirene e Epicuro seria que para o primeiro o prazer não seria diferente e nem seria mais agradável que outro, já o segundo, o prazer por ter sua origem no pensamento, tem a finalidade de tornar-se estável.

O aspecto moral seria fator relevante no trabalho do filósofo de Samos, para o mesmo, se o homem não fosse atormentado pelos acontecimentos do mundo pelo prazer, pela morte e de tudo que ela engloba, ele não teria se voltado para os estudos da ciência natural, sendo que se o mesmo não compreendesse os seus princípios, não poderia ter controle sobre suas emoções em frente as satisfações da vida, logo não alcançaria a paz de espírito (Moraes, 1998).

Nesta direção, Forte (1994, p. 13) comenta que:

A filosofia de Epicuro procurava a tranquilidade na vida e na eminência da morte. Dividia os prazeres em estáticos e dinâmicos, consistindo estes na obtenção de um fim desejado e sendo o desejo prévio acompanhado de pena. Os estáticos consistiam num estado de equilíbrio resultante de se possuir aquilo que desejaríamos e sentiríamos como uma pedra se o não tivéssemos.

Segundo Epicuro (1994), somos possuidores de tudo quando somos felizes, e sem a felicidade, faremos o possível para alcançá-la, já o bem e o mal, são provindos das sensações, e a morte consistiria no fim da percepção das sensações, sendo perda de tempo esperar por algo que não causa perturbação. Por isso seria necessário considerar que:

[...] alguns dos nossos desejos são naturais, outros vão, e que se alguns dos nossos desejos naturais são necessários, e outros são[...] apenas naturais. Entre os desejos necessários alguns são-no a felicidade, outros a ausência de sofrimento do corpo, outros a própria vida. (Epicuro, 1994, p. 29).

Nesta perspectiva, o autor supracitado diz que todo prazer seria um bem por ter uma natureza condizente com a de quem o deseja, e toda dor, seria uma forma de mal, fazendo-se necessária uma avaliação de tal prazer e de tal dor antes de aceitá-los, pois de algumas dores não se pode fugir.

Moraes (1998) comenta que a grande contribuição de Epicuro para essa corrente filosófica foi dizer que o maior prazer é a diminuição de todas as dores; e mesmo sendo associado ao Hedonismo, o filósofo pregava que a busca pelo prazer poderia levar o homem à infelicidade e que as sensações não nos enganam, que o prazer em si não seria mal. O autor ainda informa que para o estudioso, o que produz o prazer poderia culminar em males maiores que os prazeres por eles ofertados; o prazer seria um bem principal e natural, que não deveria ser buscado devido ao mal que poderia emergir de sua busca e dos meios usados para obter-se o prazer almejado.

Para Epicuro (1994), o homem sofre pelo prazer quando não tem sua presença, quando procura por algo que lhe falta, e quando não sofre, seria em decorrência de não ter a necessidade do prazer, e ainda defende que:

O prazer é o princípio e o fim da vida bem-aventurada. É ele que reconhecemos como bem primordial nascido com a vida. É nele que encontramos o princípio de toda a escolha e rejeição. É para ele que tendemos, julgando todo e qualquer bem de acordo com o efeito que tem na nossa sensibilidade. E é precisamente por ser o bem primordial, nascido com a vida, que não escolhemos todo e qualquer prazer: existem inúmeros prazeres em que não nos detemos, por implicar um desprazer maior. (Epicuro, 1994, p. 30).

Para o hedonista, canônica seria a disciplina que determinava as regras e os critérios das evidências, que se dividiria em duas modalidades: a de experiências eminentemente evidentes, que seriam as percepções e sensações ligadas à percepção dos objetos; e as paixões, que seriam as emoções e sentimentos que possibilitam experimentar as dores e os prazeres (Moraes, 1998).

Para a filosofia Epicurista, uma existência equilibrada pode ser alcançada mediante um equilíbrio físico e moral, sem excessos e medos, estando a felicidade no prazer de evitar prazeres intensos, sendo a mesma uma tranquilidade (Forte, 1994).

O prazer seria um estado em que o corpo e a alma não sofrem, os prazeres da vida estão presentes na vida feliz, mas o raciocínio que possibilita as escolhas e rejeições, livra a alma das perturbações, consistindo em a prudência o maior bem, pois dela provêm todas as outras virtudes, e sendo a mesma indissociável da justiça e da honestidade (Epicuro, 1994).

Moraes (1998) pontua o fato de que para o Epicurismo, o prazer e a dor seriam elementos reais, decorrentes da relação do corpo e da alma com os objetos que os dominam. O mesmo diz que o homem ao nascer já saberia o que seria o prazer e que ele aplaca a dor. Neste sentido, buscar por prazer mais que evitar a dor seria uma tentativa de suprimi-lo. Assim, sob tal perspectiva, o estudioso ainda escreve que a ética em Epicuro constituiria em um modelo de vida que viabilizasse os prazeres mais consistentes, em encarar a dor com serenidade, sendo que o mesmo não descarta a ideia de vivenciar o prazer pela via do corpo, sendo esta via a única forma de prazer possível; o corpo por ser formado por átomos da mesma forma que a alma, ele seria sensível ao bem supremo, a uma sensação de bem-estar, o que iria contra o prazer provindo da vaidade, das desordens e dos valores sociais. O fim de uma vida bem-aventurada seria resultante da avaliação de toda aquisição, da rejeição do que é necessário para a saúde do corpo

e da serenidade da alma, por esse motivo o homem faria o possível para evitar o sofrimento (Epicuro, 1994).

## O Hedonismo na atualidade

Mediante a evolução da humanidade, a história narra mudanças em vários polos da realidade humana, tanto no seu âmbito social, organizacional, jurídico, profissional, e também nos aspectos subjetivos do homem. Desta forma, podemos também perceber que a busca pelo prazer ganha novos horizontes em decorrência das novas estruturas que emergem em sua realidade. Neves (2021), ao falar sobre o Hedonismo na atualidade, destaca o fato de que na Idade Média em decorrência da influência cristã, do ponto de vista moral, o prazer cedeu seu lugar para a virtude devido ao fato de estar em concordância com a razão, mas sendo a discussão passada sobre o assunto a base para entender o Hedonismo na Modernidade.

Outro aspecto relevante para a aparente nova formulação do Hedonismo seria o Capitalismo que dita para o homem que uma das formas de se obter prazer seria o consumo dos produtos ofertados pela cultura da indústria. Nesta lógica, de forma concordante também podemos observar a religião em geral incentivar o homem ao trabalho, sendo o labor moralmente correto na vivência de uma vida digna.

Flocker (2007) em concordância, explica que na atualidade, diferente do passado, seria possível observar no contexto histórico que muitos dos nossos antepassados foram pessoas que viveram o prazer de forma desenfreada, que não conseguiram equilibrar o senso prático com o autocontrole, mas

Com o tempo, e de uma forma muito sub-reptícia, as massas modernas foram doutrinadas no sentido de uma mentalidade em que o trabalho, dinheiro, sucesso ou conquistas nunca são suficientes. Desça da esteira e você ficará irrecuperavelmente para trás. Sente-se para apreciar o pôr-do-sol e a oportunidade poderá lhe escapar. O termo *workaholic*, significando “viciado no trabalho”, e que já foi irônico um dia, aplica-se hoje a um alarmante número de pessoas, todas acreditando que simplesmente não têm outra ocupação (Flocker, 2007, p. 40).

Camporesi (1996) comenta que na Europa medieval, em seus momentos de crises, proporcionou margens para o aparecimento de múltiplos pensamentos, destacando-se os pensamentos acerca da ciência do saber viver atrelado ao Hedonismo, tornando-se para o autor este fenômeno relevante na proposta de como seria ofertado o prazer pela via do consumo, já

que os homens começaram a evoluir a qualidade do que se era consumido como a alimentação, vinhos, óleos essenciais, a decoração, a vida noturna entre outros, o que naturalmente proporcionou o processo de modernização na cultura e na vida humana. Mas segundo o mesmo, a Modernidade também mudou o cenário moral da sociedade e a liberdade mudou o comportamento feminino e abriu margem para a luxúria e a lassidão, trazendo a promiscuidade e a confusão entre os sexos, invertendo as imagens da virilidade e da feminilidade. A moda masculina passou a adotar o gosto feminino, sendo tais rituais adotados pelas classes cultas, ricas e abastadas; a corrida frívola pelo consumo em busca do prazer em bens materiais ao ser adotado pelas classes dominantes naturalmente ultrapassou as fronteiras da nobreza e se difundiu nas camadas populares, tornando o Hedonismo um fator presente em toda massa.

O processo de modernização, ao estabelecer pela via dos produtos e serviços discriminações em sua qualidade, naturalmente influencia o homem em sua busca por prazer. Flocker (2007) narra que o homem moderno vive em um círculo imaginário ditado pelo sucesso e pela postura de ter que correr atrás do êxito, tornando-se essa uma característica de sucesso em sua vida, pois ter muito dinheiro, realizar viagens e compras passam a ser aspectos importantes. Porém, esta modalidade presente nas cidades apresenta perdas para o homem hedonista, as experiências de aventuras e descobertas podem apresentar incidentes felizes e surpresas inesperadas que podem ofertar a experiência do prazer de formas diferentes.

Lasch (1983, p. 24), por essa ótica, relata que as pessoas, no decorrer da evolução da sociedade, passaram a buscar estabilidade, paz de espírito e saúde, ou seja, o homem passou a buscar a dar vazão aos seus interesses pessoais, “[...] entrar em contato com seus sentimentos, comer alimentos saudáveis, tomar lições de dança clássica ou dança-do-ventre, mergulhar na sabedoria do oriente, correr, apender a se ‘relacionar’, superar o ‘medo do prazer’”.

Para o autor supracitado, as pessoas chegaram a um momento em que desejavam esquecer-se do que foi vivenciado em outras décadas, como movimentos políticos e fatos históricos marcantes. Por isso, começaram a divagar acerca da relevância da política, da ciência e da religião, questionando até que ponto as experiências derivadas dessas esferas teriam real relevância. Neste sentido, mais que abrir mão de ocorrências históricas, o homem adota uma postura individualista em seu pensamento, agarra-se a ilusões momentâneas de bem-estar, saúde e segurança psíquica, e acrescenta que

Viver para o momento é a paixão predominante – viver para si, não para os que virão a seguir, ou para a posteridade. Estamos rapidamente perdendo o sentido de

continuidade histórica, o senso de pertencermos a uma sucessão de gerações que se originaram no passado e que se prolongarão no futuro. É o enfraquecimento do sentido de tempo histórico – em particular, a erosão de qualquer preocupação maior com a posteridade [...] (Lasch, 1983, p. 25).

Porém, toda essa aparente liberdade nas escolhas das vivências do prazer, trazem outros retratos para a vida humana em reflexo às configurações da sociedade moderna, mas no imo de tal discursão, é necessário notar que igualmente ao passado, a relação entre dor e prazer continua latente na sociedade, apesar de sua nova maquiagem e sedução provindas da evolução de forma geral nas esferas sociais. Se os prazeres modernos fascinam com a proposta de experiências mais refinadas para o homem em suas experiências, por outro lado, podemos dizer que a sociedade também traz novas exigências para a sua conduta. Camporesi (1996) ressalta que o ato de usufruir o prazer passa a ser organizado por regras, tais como, por exemplo, lavar as mãos antes de comer torna-se um hábito de higiene, e o contrário seria uma confissão de falta de asseio, de elegância. Outro aspecto de conduta destacado por Flocker (2007) seria a mentalidade de ter que consumir sempre o melhor, as melhores bebidas, roupas, ter a melhor educação, ser politicamente correto, dentre outras, fator este que influencia e priva o homem em certo nível em suas escolhas pessoais.

A busca pelo prazer por ser um holofote na atualidade incentivado pelo próprio sistema cultural fornece a ilusão de que tudo seria possível na insaciável busca humana por prazer, mas a sociedade também traça leis morais e jurídicas que a organiza e impede o retrocesso para o período da barbárie. Em decorrência desta dinâmica apresentada pela relação lei x prazer, Lasch (1983) escreve que uma das consequências como resultado dos freios morais impostos pela sociedade no intuito de garantir limites civilizados, seria o tédio a nível aniquilador como resultado do cárcere dos desejos humanos barrados pelas leis que os impedem de ter experiências e contato com o sentir que extrapolam a ordem. O autor também destaca que essa sociedade narcisista decorrente das transformações históricas e culturais tornam o homem egoísta, e contribui para as novas desordens no seu caráter, sobrepujando o mesmo ao aspecto banal da cultura; a sociedade cobra do homem uma postura submissa perante as normas das relações sociais, mas essa mesma sociedade não fundamenta normas morais para esse âmbito, o que dá margem às naturezas distintas para o homem em suas ações.

## O prazer e a dor como partes constituintes do sujeito

Para a Psicanálise, falar sobre o prazer e a dor seria proferir sobre o aparelho psíquico e seu funcionamento, já que essas experiências são vivenciadas pelo homem em sua própria constituição. Segundo Freud (1987), o aparelho psíquico seria permeado por fluxos de estímulos que causam variações, e teria como intuito se manter estável, mas em sua constante inter-relação com o meio externo (que é o provedor da energia de maior quantidade), o aparelho trabalha para se livrar do excesso, mas pode ser afetado quando se trata de grandes proporções de energia.

Os estímulos externos percebidos para o autor supracitado, são tidos como quantidade, mas os órgãos dos sentidos, por suas funções selecionam quais estímulos serão absorvidos, o que remete a uma ideia de qualidade do que se deve ser percebido, nessa perspectiva, para o mesmo, falar sobre o prazer e o desprazer seria conceber o prazer como a sensação provinda da descarga de energia, e o desprazer, então, seria o aumento da energia interna ou do aumento da pressão quantitativa, ressaltando ainda que a vida psíquica tende a evitar o desprazer.

Freud (2010c) clarifica que a pulsão seria o estímulo para a psique, originário do próprio aparelho psíquico, tem a característica de ser constante, não existindo defesas contra a mesma, tendo como finalidade a realização de sua satisfação. Para o estudioso, a pulsão em partes poderia ser precipitada por efeitos de estímulos externos que na evolução do organismo atuaram de forma transformadora sobre a substância viva, mas deixa claro que a pulsão seria a força motriz presente no aparelho psíquico e não os estímulos externos que agem no corpo por via externa.

Segundo o psicanalista (Freud, 2010c), todos aparelhos psíquicos, em suas complexas atividades, estariam sujeitas ao princípio do prazer, que seria a regulação automática das sensações entre a relação prazer-desprazer, sendo o desprazer vinculado ao aumento da pulsão no aparelho, e o prazer à diminuição do estímulo. A novidade traga pela pulsão para o autor seria o seu caráter impulsivo, sua meta visa a satisfação que seria a supressão da estimulação presente na fonte da demanda, já que a pulsão em sua busca pode escolher vários caminhos no intuito de se conduzir até a sua meta.

Nessa perspectiva, podemos observar que as demandas da realidade humana em sua interação com o meio externo também apresentam a dinâmica do princípio do prazer apresentado pelo autor. Freud (1987) elucida que os afetos e os desejos englobam em si a dor e

a satisfação, proporcionam o aumento da energia interna, produzindo assim tensões no aparelho psíquico, sendo o estado de desejo resultante numa atração positiva para o objeto desejado, ou mais precisamente, por sua imagem mnêmica.

## **O Capitalismo e o homem narcisista**

O Capitalismo dentro da cultura por ser o responsável pelas ofertas de prazeres, dita para o homem o caminho das pedras no sentido de apresentar saberes sobre modelos ideais de conduta e de *status* para a vida humana em sociedade. Psicanaliticamente falando, podemos observar que o Capitalismo na atualidade seria o detentor do discurso do mestre. Lacan (1992), remetendo ao passado, fala sobre o discurso do mestre e faz uso da metáfora da relação entre mestre-escravo para falar sobre o saber-fazer. Para o autor, o saber-fazer coloca o senhor na posição de ser o detentor do saber, exemplo de tal evento seria o fato de ao senhor ao perguntar algo para o escravo, o mesmo responder mediante ao que a pergunta dita como resposta; em tal perspectiva, fica claro que o escravo seria arrebatado de sua função no plano do saber na relação senhor-escravo, mas na atualidade essa interação ganha nova configuração em decorrência ao fato de o Capitalismo ocupar o lugar do senhor nesse contexto.

Neste viés de pensamento, Lacan ainda escreve que o Capitalismo ao ocupar este lugar gera uma modificação no campo do saber, em sua prática, o mesmo tem no seu saber a prática da exploração do proletariado, em sua proposta de revolução e empreendimento qualifica essa classe social a participar de seu sistema, proporcionando o sentimento de frustração e desenvolvendo uma espécie de subversão, uma posição de senhor cabível de troca, tendo como efeito na essência do senhor o fato dele não saber o que quer, e ainda acrescenta que cabe aos novos escravos produzidos por este sistema produzir a verdade, já que se transformaram em produtos, consumíveis tanto quanto os outros.

Goldenberg (1997) exemplifica que na realidade capitalista, os filhos de famílias humildes precisam trabalhar feito escravos para conseguirem os objetos com que sonham, mas mesmo assim se surpreendem ao descobrirem que não vão desfrutar de tudo o que desejam, o que favorece observar a banalidade presente neste sistema que proporciona que o trabalhador não possa usufruir dos frutos do seu trabalho. Para o mesmo, a impossibilidade de gozar de um bem que se dispõe, faz denúncia da alta carga libidinal barrada pelo compromisso narcisista feito pelo sujeito.

Fortes (2012) nos fornece argumentos para pensar que o compromisso narcísico feito pelo sujeito estaria vinculado à ideia de felicidade a ser alcançada por via do consumo. A mesma escreve que essa crença seria mais complexa que o ato de consumir, pois também estaria vinculada à ideia de que existiria nas ações humanas uma propensão natural para a felicidade, tornando-se a referência da felicidade no âmbito social, embasada em uma ideologia igualitária de bem-estar.

Entretanto, essa prerrogativa de acesso ao prazer igualitário a todos não passaria de uma ideologia utópica. Neste itinerário, a autora supracitada diz que o Hedonismo na atualidade anula a figura de alteridade, a relação com o outro não existe, a proposta hedonista preza a relação com o próprio EU, ao prazer do próprio sujeito.

Roudinesco (2000), em concordância, argumenta que à medida que a sociedade vai anunciando a igualdade de todos perante a lei, o resultado seria as diferenças ficarem maiores, pois nesse aspecto cada ser iria buscar sua individualidade, e assim, se afastaria mais da universalidade, que seria julgada como ultrapassada. O homem, nesse aspecto, segundo a autora, tornou-se algo contrário do sujeito, pois vive uma ilusão de ter uma independência, vive sem desejo, acredita na ilusão de viver sem estar vinculado a suas raízes, acredita numa liberdade sem restrições.

Eis aí o aspecto que valoriza a postura narcisista do homem em decorrência de tal sistema. Para Freud (2010a, p. 15) o narcisismo seria um elemento presente no aparelho psíquico, que demonstra “[...] o complemento libidinal do egoísmo do instinto de autoconservação, do qual justificadamente atribuímos uma porção a cada ser vivo” para o erudito, o desprazer como qualidade psíquica não seria tão decisivo a grandeza de um evento material, mas seria determinante como função desta grandeza. Neste viés de pensamento, o autor se questiona de onde viria a necessidade da psique ultrapassar os limites do narcisismo e pôr a libido em objetos, e explica que tal necessidade seria resultante do investimento libidinal como o EU que superou uma certa medida, servindo como exemplo para tal equação a presença do egoísmo que protege o sujeito contra o adoecimento, mas se faz presente a presença do amor para que não ocorra o adoecimento. Já a frustração, nesta operação, apresenta a impossibilidade de amar.

O fato de amar englobar algumas oposições, amor  $x$  ódio, amar  $x$  ser amado, que se opõe ao estado de indiferença ou insensibilidade, mas a relação entre amar-se  $x$  amado resulta em mudança da pulsão de sua atividade para a passividade, no que resulta em uma das

características do narcisismo que seria o fato de amar a si mesmo, o que seria relevante para a vida psíquica em suas três polaridades que seriam a relação do sujeito (EU) com o objeto (mundo externo), a relação prazer x desprazer e as posições ativo x passivo (Freud, 2010a).

Freud (2010a) ainda ressalta que as elaborações psíquicas, mais que trabalhar no intuito de provocar desvios internos de suas excitações, não poderia descarregá-las de forma externa, porém, em seu princípio, essas elaborações poderiam ser embasadas em objetos reais ou imaginários, o que demonstra que a libido ao se voltar para um objeto irreal, ganha a característica de introversão e conduz a libido para um estado de represamento. Em outro momento de sua obra, Freud (2010c, p. 71) acrescenta que “[...] as vicissitudes que consistem no instinto, para se voltarem contra o próprio EU e se converterem de ativo em passivo, dependem da organização narcísica do EU, e carregam a marca desta fase”.

O EU se comportaria de forma passiva mediante ao mundo externo, ao receber seus estímulos, mas reagiria de forma ativa em frente a eles, o EU seria ativo em virtude de suas próprias pulsões; no decorrer da evolução do aparelho psíquico, a atividade ativo x passivo se fundem e se voltam para a relação masculino-feminino, as três polaridades ganham mais conexões entre si, mas sendo salientada que desde o começo da vida anímica, o Eu já seria investido de pulsões e seria de certo modo capaz de se auto satisfazer, caracterizando este evento do narcisismo (Freud, 2010a).

Jorge e Ferreira (2005) comentam que para Lacan, os estudos de Freud em relação ao narcisismo e a libido remeteriam ao imaginário. Os autores ressaltam que o pai da Psicanálise, ao abordar o aspecto econômico da libido, salienta a distinção entre a libido do EU e da libido voltada para o objeto. Desta forma, apresenta a noção de certo equilíbrio na distribuição da energia, mas seria na instância do Eu que constituído como objeto, onde estaria a sede de todas as identificações imaginárias.

Segundo Lacan (2009), o desejo seria resultante da extensão da manifestação da sexualidade, que evidencia a relação do ser com o seu mundo, o que favorece observar uma bipolaridade apresentada pelo sujeito libidinal e pelo mundo. O estágio do espelho, para o autor, constitui-se em um momento do desenvolvimento do sujeito onde o EU começa a assumir funções, o que seria equivalente dizer que seria o momento onde o ser humano se constitui mediante a relação imaginária. Neste momento do desenvolvimento psíquico, apareceria algo novo que teria o intuito de moldar o narcisismo, ou seja, é onde aparece a marca da origem imaginária da função do EU.

Jorge e Ferreira (2005), nesta direção, escrevem que a necessidade do sujeito adulto ao se olhar no espelho para reassegurar sua imagem demonstra efeitos do estágio do espelho em sua constituição, sendo observável que a cultura faz uso de tal necessidade humana ao impor sua ditadura pela via da moda, da imagem de um corpo belo e sadio. Desta forma, as indústrias acumulam grandes somas de dividendos através do narcisismo do ser humano.

O narcisismo por tal perspectiva acaba colaborando com outra demanda hedonista traga pelo Capitalismo. Para Fortes (2009), o ser humano torna-se egotista devido ao fato do sistema estimular que o sujeito dê conta de sua própria vida privada, os aspectos coletivos da sociedade passam a serem deixados de lado, sendo valorizado o domínio privado e a luta individual por sobrevivência.

### **Os reflexos do Hedonismo na atualidade**

Na sociedade atual, podemos perceber que um dos destaques trago pelo Hedonismo seria a fuga ou a negação do sofrimento. Fortes (2009) diz que o Hedonismo contemporâneo prega o consumo como via de prazer, implicando a felicidade por essa via estar presente no ato de consumir. Em outro momento, a autora (Fortes, 2012, p. 47) acrescenta que “[...] o tempo do gozo não tolera o adiantamento da satisfação”, sendo que ao estilo de vida contemporâneo estar inscrito na lógica do consumo, o próprio sujeito se transforma em um bem a ser consumido, o que realça o fato de o ser humano estar mais marcado pelo registro do gozo do que pelo registro do prazer.

O sujeito ao estar doutrinado de forma perniciososa por ideias com de que “você pode” e “você deve”, ilustra que o ser humano pode gozar, tornando o prazer em algo obrigatório, mas essa postura que tem como finalidade anular o sofrimento revela-se em uma grande cilada, já que este movimento por si só seria uma causa de sofrimento (Fortes, 2012).

A felicidade, escreve Freud (2010b), seria um problema de economia libidinal, e cada um deveria descobrir sua forma pessoal de ser feliz, pois fatores de várias complexidades influenciariam as escolhas pessoais como a satisfação que se espera do mundo exterior, sendo o sujeito narcisista inclinado para autossuficiência, buscando satisfações em seus eventos psíquicos internos, mas não abre mão de suas relações com o mundo externo.

Na oferta de metas a serem conquistadas, a sociedade oferta para o sujeito narcisista outras vias que entrelaçam a complexa realidade que permeia a busca por prazer e nos revela

outras realidades que não podem ser vistas na prática de forma isolada. Flocker (2007) ressalta que a sociedade atual em sua oferta de prazer afrouxa suas leis em relação à conduta humana, desvalorizando em algum nível sua cobrança moral em relação ao ser humano, sendo agradável viver experiências intensas, já que a vida seria curta demais para não vivenciar os prazeres que ela oferta. O mesmo exemplifica que devido ao fenômeno da morte ser uma realidade intransponível, logo enquanto vivo, o ser humano deve fazer coisas agradáveis antes da chegada deste momento e enumera dez experiências recomendadas:

1) tire férias de aventura sozinho, vai se conhecer melhor; 2) apaixone-se perdidamente, segurança emocional não é tudo isso que se diz; 3) visite trópicos com um amante, não importa se o romance vai durar ou não, você se lembrará; 4) acampe no deserto, fuja da civilização e as coisas ficarão mais claras; 5) faça um passeio de balão, mas não fique pulando para cima e para baixo; 6) passe um final de semana num retiro, goze a pura satisfação pessoal; 7) dê uma festa de aniversário espetacular para você mesmo, não precisa ser grande, só magnífica; 8) monte um álbum de fotografias da sua vida, verá que a sua vida tem uma história; 9) mande tirar uma foto sua, todos devem ficar imortalizados para a posteridade; 10) abandone o passado, ele existe para ser lembrado, não para ficar preso a ele (Flocker, 2007, p. 82-83).

Essa política de busca pela felicidade embasada em experiências facultadas pelo afrouxamento da lei, abrem margens para excessos que implicam em consequências para o homem moderno enquadrado dentro deste sistema, sendo o uso de drogas uma delas. Freud (2010b) nos lembra que uma das opções para o homem lidar com o sofrimento seria se desvincular dos objetos fontes de desprazer e sendo outra forma de se evitar o sofrimento, fazer uso de ferramentas que influenciam o organismo, já que o sofrimento nada mais é que sensações, sendo essas reguladas pelo organismo de forma individual para cada ser. Neste percurso, o autor escreve que as substâncias tóxicas são medidas paliativas utilizadas pelo homem para enfrentar os sofrimentos, decepções e as tarefas impossíveis da vida, que para suportá-la, os homens extraem dos paliativos formas de existência possíveis diante da dor de existir. Discorrendo mais acerca dos tóxicos o referido autor afirma:

Não creio que alguém penetre inteiramente no seu mecanismo, mas é fato que há substâncias de fora do corpo que, uma vez presentes no sangue e nos tecidos, produzem em nós sensações imediatas de prazer, e também mudam de tal forma as condições de nossa sensibilidade, que nos tornamos incapazes de acolher impulsos desprazerosos (Freud, 2010b, p. 32-33).

As drogas ganham lugar de evidência na economia da libido do homem devido a sua capacidade de proporcionar fuga da realidade e a construção de seu próprio refúgio em busca

de prazer, por ser apreciada por muitos na sociedade, os riscos provenientes do uso de substâncias tóxicas são esquecidos, o seu uso revela um grande desperdício de quota energética do ser que poderia ser utilizado de várias formas no seu ideal de vida (Freud, 2010b).

Roudinesco (2000, p. 16) ressalta que a era atual é a de evitação, que a “[...] sociedade democrática moderna quer banir de seu horizonte a realidade do infortúnio, da morte e da violência, ao mesmo tempo procurando integrar num sistema único as diferenças e as resistências”. Entretanto, a autora também nos chama a atenção para o fato de o homem estar esgotado devido à falta de uma perspectiva revolucionária, por isso o mesmo busca no higienismo ou no culto de um corpo perfeito, o ideal de uma felicidade impossível.

A mesma ao falar sobre o consumo do tabaco, álcool e psicotrópicos, chama a atenção para o fato da relação do sujeito com a sua própria subjetividade, já que a dependência de tais substâncias reforçam a representação de um “anti-sujeito” que vive em uma sociedade depressiva que se distancia cada vez mais da ideia de subjetividade, que não ouve as falas do inconsciente, da culpa e dos desejos, só se sobressai o discurso do sucesso na dinâmica da globalização econômica, e quem sofre é taxado de vítima.

O tempo ganha outra conotação nesta realidade, pois perder tempo seria abrir mão do sucesso, e para quem precisa de ajuda neste sentido, as indústrias farmacêuticas oferecem antidepressivos e estimulantes do bom humor, com a ideia de que tomar uma pílula pode proporcionar felicidade e que não faça o ser humano perder tempo (Flocker, 2007).

A grande crítica para o Hedonismo na atualidade seria que a subjetividade humana está ficando adoecida em decorrência do descompasso do homem com sua vivência temporal. Flocker (2007, p. 74) salienta que o hedonista contemporâneo deveria se articular em um ritmo confortável que lhe permita desfrutar das coisas, além de ficar focado nos afazeres. “Um bom hedonista sabe que o lazer não é um luxo ou uma extravagância, mas uma verdadeira necessidade da vida, e é durante esse tempo tranquilo que as melhores coisas da vida acontecem”.

## **Considerações finais**

O Hedonismo, ao ser metaforicamente o grande palco para discutir a relação do prazer e da dor, demonstra facetas da vida humana que se refletem no social e culmina em consequências para a própria subjetividade humana. O presente recorte apresentado aqui como

discussão privilegia observar que a temática se faz presente desde a Antiguidade até os tempos de hoje, mobilizando pensadores para refletir acerca dos embates produzidos pela busca e pela necessidade humana de sentir prazer.

Por tal perspectiva, podemos dizer que a cultura em seu caminhar histórico fornece cores de vários tons para a discussão no horizonte que seria a vida humana. Na contemporaneidade podemos conceber o Hedonismo estar mais próximo das ideias de Aristipo de Cirene, mas cabe salientar que o adocimento psíquico atual se faz mais sofisticado do que foi outrora. Tal discussão salienta a necessidade de mudanças em relação em como o capitalismo atua na função do discurso do mestre já que seus interesses e dinâmicas influenciam de forma direta a subjetividade humana em sua busca por prazer.

A dor é algo natural, inerente a vida humana em sua complexidade, sendo a promessa de viver uma existência sem essa experiência, uma cilada, pois existir dói, cabendo ao próprio ser aprender a conviver com essa parte de sua existência.

## Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Mestre Jou, 1962.

CAMPORESI, Piero. **Hedonismo e exotismo**: a arte de viver na época das luzes. São Paulo: Editora Unesp, 1996.

EPICURO. Carta sobre a felicidade. In: FORTE, João. (org.) **Carta sobre a felicidade (Epicuro); Da vida feliz (Sêneca)**. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

FORTE, João. Carta sobre a felicidade (Epicuro); Da vida feliz (Sêneca). In: FORTE, João. **Carta sobre a felicidade (Epicuro); Da vida feliz (Sêneca)**. Lisboa: Relógio D'água, 1994.

FORTES, Isabel. **A dor psíquica**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2012.

FORTES, Isabel. **A Psicanálise face ao hedonismo contemporâneo**. 2009. Disponível em: <http://ojs.unifor.br/rmes/article/view/4904/3914>. Acesso em: 22 out. 2024.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras. 2010a.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à Psicanálise e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. In: FREUD, Sigmund. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. In: FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

JORGE, Marco Antônio C; FERREIRA, Nadiá P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

GOLDENBERG, Ricardo. Consumidores consumidos. In: GOLDENBERG, Ricardo. **Goza! capitalismo, globalização e Psicanálise**. Salvador, Bahia: Ágalma, 1997.

LACAN, Jacques. **O avesso da Psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

LACAN, Jacques. **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

LASCH, Christopher. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

MORAES, João, Quartim de. **Epicuro: as luzes da ética**. São Paulo: Moderna, 1998.

NEVES, Christopher. **Em busca do prazer: percurso evolutivo do pensamento hedonista**. 2021. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/rpfilo/article/view/5886/3910>. Acesso em: 23, out, 2024.

REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana, vol II: Sofistas, Sócrates e socráticos menores**. São Paulo, Edições Loyola, 2013.

ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a Psicanálise?**. Zahar: Rio de Janeiro, 2000.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

CELESTE, Jennifer da Silva Gramiani; NOGUEIRA, Luidy Xavier. A festa não pode acabar: Uma reflexão sobre o culto ao prazer para a Psicanálise. **Id on Line Rev. Psic.**, Fevereiro/2025, vol.19, n.75, p.27-43, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 26/12/2024; Aceito 16/01/2025; Publicado em: 28/02/2025.